

## **Análise comparada da obra cinematográfica *O mundo de Andy* e a obra literária *Foe* pela perspectiva dos estudos interartes**

### **Comparative analysis of the film *The man in the Moon* and the literary work *Foe* from the perspective of interarts studies**

Karoline Morais Romanzini<sup>1</sup> Wellington Ricardo Fioruci<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

O projeto apresenta uma análise comparativa do romance *Foe*, de J.M. Coetzee, e do filme *O mundo de Andy*, de Miloš Forman, pelo viés teórico dos estudos interartes, com o objetivo de averiguar manifestações pós-modernas presentes em ambas as obras. O projeto primeiramente elucida os princípios do pós-modernismo e suas visões. Em seguida, é apresentada uma discussão dos estudos interartes, salientando o papel da análise comparativa. Opiniões críticas sobre J.M. Coetzee e Miloš Forman são então exploradas para dar suporte à análise. Deste modo, o estudo se propõe a realizar uma análise do romance *Foe* e do filme *O mundo de Andy*, seus aspectos pós-modernos relacionados à linguagem literária, incluindo a fragmentação da narrativa linear e sua multiplicidade de interpretações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise comparativa; Estudos Cinematográficos; Estudos interartes; Linguagem literária; Pós-modernismo.

#### **ABSTRACT**

The project presents a comparative analysis of the novel *Foe* by J.M. Coetzee and the film *The Man in the Moon* by Miloš Forman, from the theoretical perspective of interarts studies, with the aim of examining post-modern manifestations present in both works. The project first elucidates the principles of postmodernism and its perspectives. Then, it provides a discussion of interarts studies, emphasizing the role of comparative analysis. Critical opinions about J.M. Coetzee and Miloš Forman are explored to support the analysis. Thus, the study aims to conduct an analysis of the novel *Foe* and the film *The Man in the Moon*, focusing on postmodern aspects related to literary language, including the fragmentation of linear narrative and its multiplicity of interpretations.

**KEYWORDS:** comparative analysis; cinematographic studies; interart studies; literary language; postmodernism.

## **INTRODUÇÃO**

O trabalho tem como objetivo explorar o Pós-modernismo, as interartes e suas relações com a obra cinematográfica *O Mundo de Andy* (1999) dirigido por Miloš Forman e o livro *Foe* de J.M. Coetzee (1986). O Pós-modernismo é um movimento que valoriza e reconhece a importância da diversidade dos contextos históricos e culturais, rejeitando as estruturas hierárquicas modernistas (Hutcheon, 1991). Dessa forma a intertextualidade, elemento importante para análises pós-modernas, e a ironia são importantes para criação de referências e citações de outras obras para criar novas interpretações. Por sua vez, as interartes são a relação entre diferentes formas de arte, como por exemplo, um musical, que é a união do cinema e da música.

O filme *O Mundo de Andy* aborda a vida do comediante Andy Kaufman e explora os princípios do pós-modernismo ao questionar sua forma de fazer comédia ao desafiar as normas e expectativas relativas a esse gênero. Do mesmo modo, a obra literária *Foe*

<sup>1</sup> Bolsista do(a) CNPq. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil. E-mail: romanizini@alunos.utfpr.edu.br. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4916607428029721>

<sup>2</sup> Docente no curso de Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil. E-mail: fioruci@professores.utfpr.edu.br. ID Lattes: xxxxxxxxxxxxxxxx.

manifesta os ideais pós-modernistas ao questionar a desconstrução e a fragmentação. A obra em si, narra a história de uma mulher náufraga que busca relatar sua história para o renomado escritor Daniel Defoe. O confronto entre Susan e Defoe revela as complexidades da autoria, a manipulação narrativa e a representação do poder na escrita.

## PÓS-MODERNISMO

Na busca do sentido do pós-modernismo a diversidade e o reconhecimento de contextos históricos e culturais são destacados como significativos para rejeitar a ideia de verdade absoluta e estruturas hierárquicas modernistas. Hutcheon (1991), identifica a intertextualidade e a ironia como parte integrante desse movimento, pois permite referências e citações de outras obras para criar novas interpretações. Por fim, desafiam-se as noções convencionais de autoria e originalidade, com o ímpeto de uma construção de sentido aberta a diferentes interpretações e influenciada por perspectivas pessoais e contextos socioculturais e multifacetados.

Para trazer explicações sobre o pós-modernismo, a escritora e pesquisadora Linda Hutcheon (1991, p. 15) diz que: "O pós-modernismo ensina que todas as práticas culturais têm um subtexto ideológico que determina as condições da própria possibilidade de sua produção ou de seu sentido." Na arte isso é visível pois deixa uma autorreflexão, elementos subentendidos nas obras, pois os artistas pós-modernos usam e abusam das convenções do discurso, pois têm consciência que não há como fugir da política e nem da ideologia do seu tempo que deve ser refletido e criticado. O movimento não apresenta uma mudança utópica radical e nem uma queda (Hutcheon, 1991).

Logo, as fronteiras entre o que é considerado arte e o que é considerado parte da experiência humana comum se tornam fluidas e indissociáveis. Dessa forma, o pós-modernismo comporta a arte contraditória e seus paradoxos desafiando as normas e expectativas que eram comuns anteriormente. O pós-modernismo usa dessa estratégia para desmistificar os processos da vida cotidiana de estruturação do caos (Hutcheon, 1991)

## INTERARTES

A definição de interartes segundo Clüver (1997) é:

Norman Bryson, entre outros, insiste que a leitura de textos visuais inevitavelmente envolve referências a intertextos verbais; o mesmo pode valer para a música, também em sua modalidade absoluta." Tais questões de intertextualidade preocupam-se mais com a produção e a recepção do que com os próprios textos: os traços intertextuais que descobrimos e que nos remetem a uma miríade de pré-textos não dependem tanto do que está "no texto", e sim do nosso próprio repertório de textos e hábitos de leitura (Cluver, p. 40, 1997).

Esses textos visuais que o autor comenta têm relação com pinturas, figuras ou até mesmo o cinema, levando em consideração que existem algumas obras que os personagens não verbalizam que é o caso, por exemplo, dos filmes de Charles Chaplin. De qualquer forma essa imagem terá um impacto verbal no receptor. A intertextualidade está mais preocupada com o modo como o receptor irá interpretar o que está recebendo



do que com o próprio texto. Para que isso ocorra depende do que o interlocutor consome, suas ideologias e crenças, tudo isso gera impacto na interpretação de uma obra artística. “O espectro de exemplos deve ter sugerido que mais vale conceber os estudos interartes como discurso transdisciplinar às voltas com as “artes” e suas inter-relações [...]” (Cluver, p. 52, 1997).

As interartes se referem a relações entre diferentes formas de arte, como literatura, cinema, música, pintura, entre outras. Dessa forma, entende-se que um musical por exemplo é interartístico, já que funde a música com cinematografia, para criar um novo tipo de arte.

## AS OBRAS

O filme *O Mundo de Andy* (*Man on the Moon*, EUA, 1999), dirigido por Miloš Forman, com a interpretação de Jim Carrey, é uma obra cinematográfica que narra a história de um famoso comediante, Andy Kaufman, considerado o gênio da comédia, porém, visto por muitos como uma pessoa perturbada (Araújo, 2005).

O filme inicia de forma peculiar com Andy conversando com o telespectador através da TV. A cena não apresenta explicação de fatos e nem sentido lógico para que ele esteja estático em frente a câmera, com música e créditos subindo na tela. Nesse sentido, a narrativa que Forman constrói para o filme não é linear, muito característica do pós-modernismo, é somente o comediante conversando com o público e quebrando qualquer expectativa de que algo possa acontecer (Forman, 1999, 00:38 min - 03:41 min).

Andy estava sempre se desafiando em prol de conseguir uma reação maior e diferente do público. “Uma das coisas mais incríveis sobre Kaufman é de que ele se autodenominou como Campeão Intergênero de Queda de Braço, desafiando mulheres para entrar numa disputa contra ele”<sup>3</sup> (Bradshaw, 2000), isso explode nas cenas de luta em que Andy deseja somente lutar com mulheres, sempre enfatizando comentários machistas. Como afirma Araújo (2005) “Isso é odiado pelo público e consegue criar o efeito que o comediante deseja, o de despertar os sentimentos de um público apático.”. Quanto mais notabilidade ganhava, mais personagens ruins e cruéis criava com intuito de retratar como as pessoas podem ser maléficas. Quando todas as pessoas esperavam que ele fosse fazer algo engraçado, ele simplesmente lia um livro inteiro para a sua plateia durante horas desafiando a ideia tradicional do que se espera de um comediante (Forman, 1999, 36:06 min - 41:53 min).

Quanto mais Andy se superava, mais subvertia o conceito de humor conhecido na época. Estando tão imerso em seus personagens, era difícil compreender a separação entre realidade e ficção, tornando difícil reconhecer o verdadeiro Andy dentre seus personagens, como observa Hutcheon sobre o que é arte e os seus limites. (Forman, 1999, 01:41:27 min - 01:42:38 min).

O livro *Foe* (1986) de J.M. Coetzee, escritor sul-africano, é uma obra que narra a história de Susan Barton, mulher *náufraga*, e seu encontro com o escritor Daniel Defoe. Juntos, eles questionam a natureza da verdade e da ficção. Além disso, a obra traz questões pós-coloniais e reflexões sobre linguagem e poder.

O romance *Foe* de Michel Coetzee começa com um sinal enunciativo de fala, as

<sup>3</sup> One of the most incredible things about Kaufman is his self-appointed position as World Inter-Gender Wrestling Champion, challenging women, quite genuinely, to wrestle him. (tradução minha)



aspas, de primeira não se sabe quem está falando, o leitor leva um tempo para entender de que se trata de uma mulher inglesa náufraga de outro século. No decorrer da narrativa Susan conta sua história para Cruso, até esse momento as informações que o leitor sabe são repetidas para o novo personagem do enredo (Hutcheon, 1991)

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas no naufrágio com Cruso, ela está decidida a contar sua história em forma de livro. Sendo assim, quando volta para Londres, busca o renomado escritor Daniel Defoe para relatar sua história.

É importante salientar que o nome do *Foe*, dado a obra de Coetzee é o sobrenome original do verdadeiro Daniel Defoe, escritor clássico inglês do século XVIII que antes de virar escritor propriamente, ficou famoso por suas sátiras políticas, quando foi solto da prisão passou a se dedicar ao jornalismo e a literatura, alcançando a fama com o romance de *Robinson Crusoé*, publicado em 1719 (Autêntica, 2023). Já na obra de Coetzee, ele traz o verdadeiro sobrenome do autor de *Robinson Crusoé*, já que o “De” em seu nome é uma alusão à aristocracia. Ou seja, *Foe* é um intertexto de das viagens marítimas de *Robinson Crusoé*.

Nesse romance o leitor é bastante conscientizado sobre o contexto enunciativo, mas, de maneira tipicamente pós-moderna, pedem-lhe que questione a habitual segurança de sentido. A enunciação é enfatizada e atacada ao mesmo tempo. Assim como Susan Barton acaba ficando à mercê de Foe e Coetzee, também se pode considerar que o receptor de qualquer texto fica à mercê de um *agent provocateur/manipulateur*, o produtor. Esse é o irônico e problematizante jogo pós-moderno da enunciação e do contexto (Hutcheon, 1991, p. 108).

Depois de um certo tempo, Daniel se muda e por Susan não ter mais respostas, ela e Sexta-feira iniciam uma viagem para encontrar Defoe. Quando se encontram a mulher fica muito feliz, no entanto quando começam a discutir sobre a história de Susan, Defoe começa a fazer perguntas que não atendiam suas expectativas, “É excelente que tenham vindo, porque há mais coisas que preciso saber sobre a Bahia, que só a senhora pode me contar”. “A Bahia não é parte da minha história”, repliquei, “mas eu lhe conto tudo o que puder. [...]” (Coetzee, p.103, 2016).

Foe sente-se na liberdade de ajustar a história de Susan, distorcendo fatos para atender aos gostos populares. Dessa forma, Susan se sente extremamente frustrada com o acontecido. Ao usar uma mulher de baixa classe como narradora e personagem principal, Coetzee acentua as questões de gênero, masculino e feminino, e a incompatibilidade cultural e discursiva entre povos hierarquicamente diversos. Diante da impossibilidade de contar uma história que não é a sua, Susan percebe que nunca saberá toda a verdade por causa de seus desejos (Moraes, 2012). Sendo assim Susan “[...] esbarra na percepção de quão pouco conhece realmente a história que quer narrar, e parece reduzir-se ao silêncio quando considerada a impossibilidade de os reais detentores do conhecimento verbalizarem sua história.” (Silva, 2000, p.234 apud Moraes, 2012, p.30).

É o mudo Sexta-feira de Robinson Cruso que constitui o foco da questão da relação entre a linguagem e a realidade. *Foe* manifesta uma abordagem da questão de qual é a proporção de linguagem que Sexta-feira precisa ter conhecimento para que possa habilmente sobreviver. “Como não sabemos dizer em palavras o que é uma maçã, não é proibido comê-la. Basta sabermos os nomes de nossas necessidades e

conseguirmos utilizar esses nomes para satisfazê-las" (Coetzee, 1986, p.149 apud Hutcheon, 1991 p. 193), porém perante esse comentário Susan quer ajudá-lo a expressar as suas vontades e desejos.

Mas da mesma forma que a Susan não sabe como contar sua história, Sexta-feira também não até porquê sua língua foi cortada, dessa forma ele perdeu o poder da palavra, somado a isso a Susan não compreende a linguagem utilizada por Sexta-feira, dando a entender que os brancos nunca compreenderão como o povo negro se manifesta. A língua de Sexta-feira também é um traço forte pós-colonial, se o colonizado não consegue se comunicar é muito mais fácil impor a cultura e discurso europeu nele (Moraes, 2012).

Como uma obra pós-moderna, Foe desafia as convenções de uma narrativa tradicional, se apropriando de estratégias como a falta de linearidade do romance, e também a quebra de expectativa do leitor, especialmente quando se pensa em uma história de superação, uma naufraga e um homem negro a deriva, em romances comuns você anseia por um final feliz, e muitas vezes o ganha, e Coetzee, detrói totalmente essa expectativa com o livro com um final aberto e ambíguo, outra característica presentes no pós-modernismo. Os finais abertos sugerem que a resolução dessas questões e os destinos dos personagens estão em aberto, deixando espaço para a interpretação do leitor e estimulando a reflexão sobre a autoria, a representação e o poder da escrita.

## CONCLUSÃO

Ao analisar as semelhanças entre *O Mundo de Andy* e *Foe*, no contexto das interartes e do pós-modernismo, busca-se compreender como essas obras desafiam as convenções e estimulam a reflexão sobre autoria, linguagem e representação. A partir dessas análises, destaca-se a importância do receptor na interpretação das obras e a influência dos contextos históricos e culturais na construção de sentido.

Por meio da intertextualidade e da ironia, Kaufman utiliza referências e citações para criar novas perspectivas e influenciar o sentido de sua arte. Ao desafiar as noções convencionais de autoria e originalidade, o filme reflete a abertura do pós-modernismo a diferentes interpretações e influências socioculturais. Já o romance examina o intertexto entre linguagem, poder e colonialismo, oferecendo reflexões sobre a importância dos e do contexto na compreensão da obra. A partir dessas análises, destaca-se a importância do receptor na interpretação das obras e a influência dos contextos históricos e culturais na construção de sentido. Outra semelhança entre as obras são os intertextos presentes principalmente do livro *Foe* com a obra de *Robinson Crusoe*. Ambos os trabalhos desafiam a fronteira entre a persona pública e privada de seus personagens, ou seja, os limites da arte, como Hutcheon cita, mas o ponto de intersecção entre as obras seria de fato o pós-modernismo, pois apresenta em ambas as obras falta de linearidade na narrativa, assim como um desafio de autoria levando também a interpretação de diferentes finais, já que ambas as obras têm finais abertos.

## Agradecimentos

Quero agradecer primeiramente à oportunidade de participar do projeto de iniciação científica pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná da cidade de Pato Branco através do programa de bolsas CNPq. O apoio financeiro foi muito importante



para o desenvolvimento desse projeto, ademais todas as pessoas envolvidas que de alguma forma contribuíram para a construção do meu conhecimento. Um agradecimento especial ao meu professor orientador que me guiou nos estudos interartes e pós-modernos e despertou ainda mais o meu interesse pela área de pesquisa, e especialmente, em apreciar o cinema como uma expressão artística importante para o ser humano, não só como entretenimento, mas também como reflexão e aprendizado.

### Conflito de interesse

Não há conflito de interesse

### REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Lara Firmino. **Os personagens desviantes do cinema de Milos Forman**. 2005. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Graduação em Jornalismo, Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2005.

AUTÊNTICA, Grupo. **Daniel Defoe**. Disponível em:  
<https://grupoautentica.com.br/autentica/autor/daniel-defoe/1815>. Acesso em: 14 ago. 2023.

COETZEE, John Maxwell. **Foe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 142 p.

CLÜVER, Claus. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. **Literatura e Sociedade**, [S.L.], n. 2, p. 37, 4 dez. 1997. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA).  
<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i2p37-55>.

EBERT, Roger. **Reviews**: man on the moon. Man on the Moon. 1999. Disponível em:  
<https://www.rogerebert.com/reviews/man-on-the-moon-1999>. Acesso em: 13 jul. 2023.

GUARDIAN, The. **Review**: man on the moon. Man On The Moon. 2000. Disponível em:  
<https://www.theguardian.com/film/2000/may/05/3>. Acesso em: 13 jul. 2023.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MORAES, Carla Denize. **ROBINSON CRUSOÉ EM FOE: COETZEE LÊ DEFOE COM AS LENTES DO PÓS-COLONIALISMO**. 2012. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português-Inglês, Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2012.

O MUNDO de Andy. Direção de Milos Forman. Produção de Danny Devito, Michael Shamberg, Stacey Sher. Roteiro: Scott Alexander, Larry Karaszewski. Estados Unidos da América: Mutual Film Company e Universal Pictures, 1999. (118 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=25IDIFqUdLc>. Acesso em: 28 fev. 2023.